

NOVAS PERCEPÇÕES

O mundo pelos olhos de um rato

GILVAN P. RIBEIRO
PROF. DE LITERATURA DA UFJF

Há certas narrativas que nos provocam uma sensação estranha, inquietante. O impacto com que nos atingem atordoa um pouco. Custa-se a recuperar algum tipo de equilíbrio que permita uma observação mais isenta, menos envolvida pelo receio ou algum outro tipo de emoção mais forte. É, pouco mais ou menos, o choque que nos atinge à primeira leitura de *A metamorfose*, de Kafka. O nauseante inseto que se move pelas páginas da narrativa repugna mais por tudo que o gigantescos ser vivo tem de humano. Um humano desprovido de virtudes visíveis, ocultas que estão - ou podem estar - por trás da carapaça nojenta.

Esta sensação é semelhante à que se experimenta lendo *O rato*, de Andrzej Żaniewski, lançado pela José Olympio. Não que haja aqui alguma transformação que possa lembrar o texto de Kafka. Os personagens centrais são ratos, de fato. Os seres humanos são apenas coadjuvantes. E no entanto, a longa trajetória de um rato específico, do nascimento à morte, permite associações que nos remetem ao mesmo sentimento de desconforto do universo kafkeano.

A narrativa é em primeira pessoa. Desde o início, vemos o mundo pelos olhos do rato, de início cegos e logo se abrindo à percepção do universo que o cerca. A partir do momento em que o rato sai do ninho e tem seu primeiro contato com humanos, a narrativa alterna a primeira pessoa com uma terceira pessoa, uma voz de fora, que dialoga com o rato, ajudando-o a entender os sucessivos choques com o mundo. A transição é quase imperceptível e exige do leitor uma atenção permanente para perceber as mudanças. Observe-se um exemplo, escolhido aleatoriamente: "Essa música me liberta do medo, me consola, me deixa num estado de estupefação maravilhosa."

Você quer seguir a música por toda parte, onde quer que ela o leve. Desde o momento em que você a ouviu pela primeira vez, senti necessidade de ouvi-la sempre". (p. 90)

A mudança de foco narrativo permite a aproximação simultaneamente interna e externa com o rato. Pareceria, à primeira vista, que ao ponto de vista do rato se junta o ponto de vista de um humano que tenta explicá-lo para ele mesmo. No entanto, e este é um dos elementos que acentuam a inquietação do narrado, não há diferença substancial entre os dois pontos de vista. Rato e homem se confundem.

Algum leitor, estranhando talvez estes comentários, poderia dizer: Que bobagem! Todos os pontos de vista são humanos, pois rato não pensa! É verdade, para o senso comum. Mas o autor nos adverte, em seu prefácio, para não cairmos nestas simplificações muito fáceis. Diz ele: "Acredito que animais tão inteligentes quanto os ratos são guiados não somente por seus instintos e reflexos, mas também por seu próprio intelecto, experiências, associações, lembranças e emoções; que podem tirar conclusões dos fatos e fenômenos que os cercam; que são menos animais e mais humanos do que nós humanos, em nossa arrogância, queremos admitir". (p. 11)

Comportamento estudado por anos e anos a fio

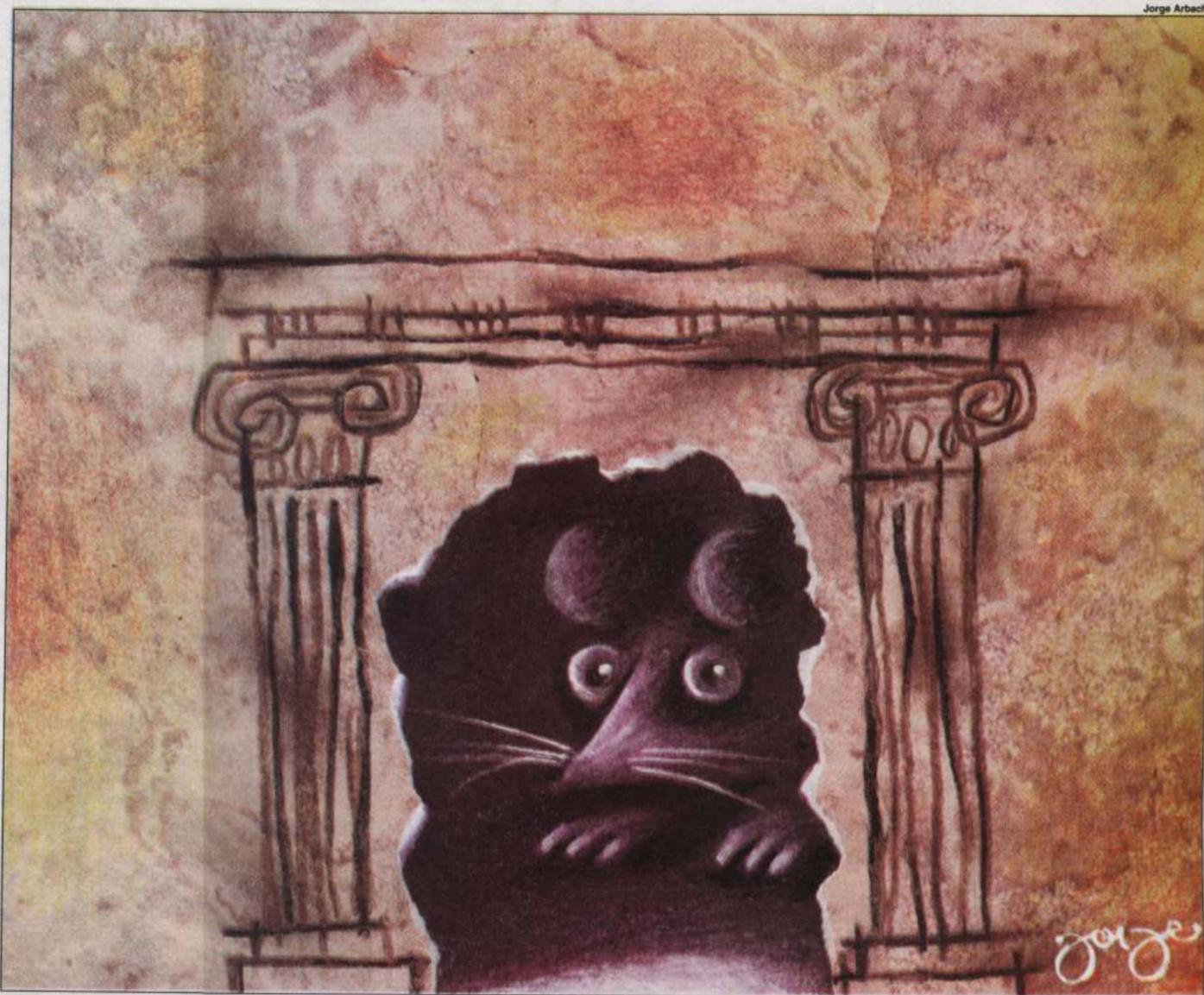
Podemos, com toda certeza, discordar do autor, mas temos que convir que não lhe falta certa lógica. De qualquer forma, como afirma também no Prefácio, estudou o comportamento dos ratos por anos a fio, em lugares muito diferentes, pesquisou-lhes os hábitos e as andanças.

Daf a verossimilhança da narrativa. Desde o começo do livro, a voz do rato se impõe como absolutamente fidedigna. Não há porque duvidar de que ele possa nos contar sua história. O que aumenta ainda mais a inquietação que possamos sentir.

É evidente, e esta evidência se acentua no Prefácio, que a história do rato funciona como uma parábola sobre o comportamento humano. Ao fim e ao cabo, indagamos, há assim tanta diferença entre os comportamentos? A imbecilidade humana talvez só encontre correlato em sua prepotência. De resto, banhos de sangue e genocídios, massacres e crimes hediondos, sempre encontram alguma explicação progressista, patriótica ou religiosa. O que, talvez, seja o que os ratos ainda não fazem.

O leitor mais sensível - ainda os há! - deve passar à margem deste texto. Não é um espelho muito agradável para nos mirarmos. E o autor, através de seu narrador, acentua ao extremo o aspecto repugnante da imagem refletida. Mesmo que ela seja, às vezes, melancólica. Mesmo que possa, às vezes provocar alguma ternura.

ZANIEWSKI, Andrzej. *O rato*. Trad. Eneida Santos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.



JETHRO TULL

Raízes revigoradas pela flauta mágica

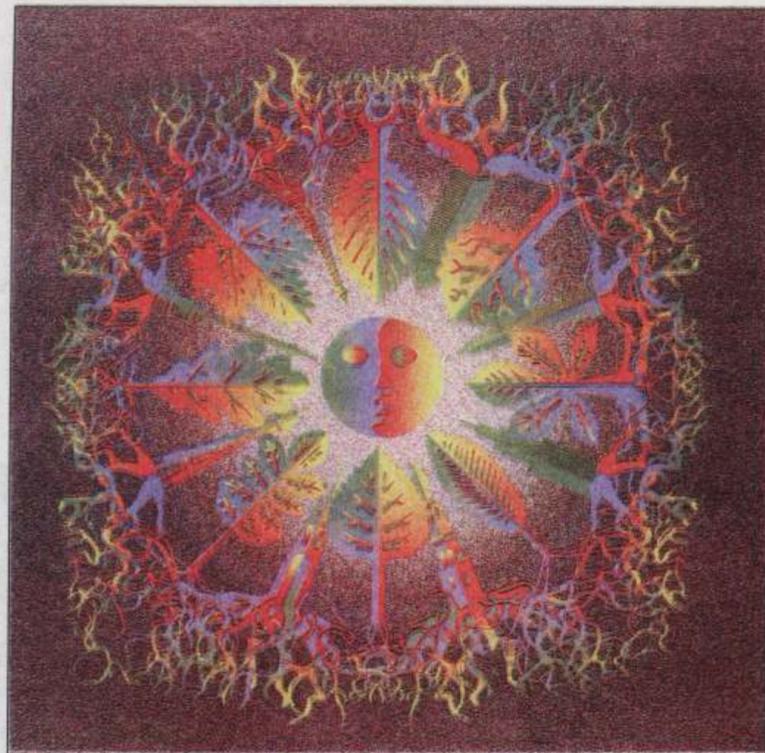
JORGE SANGLARD
REPÓRTER

O flautista mágico do Jethro Tull, Ian Anderson, retoma com o lançamento de *"Roots To Branches"* (EMI) o vigor da viagem musical iniciada há 27 anos pelo grupo progressista e mergulha nas raízes para aprofundar ramificações a partir de 'velhos sentidos que se movem nas frestas do tempo como tochas piscantes'.

Em 11 canções inéditas, o CD importado traz Ian Anderson afiado e afinado com seu tempo nas letras, nos vocais, na flauta de concerto, na flauta de bambu e no violão, além de Martin Barre, na guitarra elétrica, Doane Perry, na bateria, Andrew Giddings, nos teclados, trazendo ainda Dave Pegg, no baixo em três faixas, e Steve Bailey, no baixo em cinco faixas.

As letras permanecem impregnadas de indignação contra a hipocrisia e Ian Anderson não disfarça sua visão mordaz e crítica. Ao longo da trajetória do Jethro Tull, Anderson buscou ironizar preconceitos religiosos, morais ou sociais. Basta ouvir *"Aqualung"* e *"Thick As A Brick"*. Agora, neste novo CD, já na faixa de abertura e que dá título ao disco, *"Roots To Branches"*, o letrista do Jethro Tull mostra que o inconformismo não cedeu terreno à acomodação.

Ian Anderson em *"Roots To Branches"* fala de sombras amáveis que mudam os traços de faces cortadas em pedra imóvel. E de raízes cravadas na lama úmida, ramificações cintilantes. Onde discípulos fiéis carregam a mensagem para colorir um pouco com seu toque pessoal. E onde fantasiosas rodas domésticas e semicrentes nus, além de cruzados e crendulos, escorrem como flocos de neve.



E arremata: "Boca maldita em dia de orações, espero que ninguém ouça".

Ainda segundo Anderson, em *"Roots To Branches"*: "Em púlpitos úmidos, cheios de vento. Amplos em vastas catedrais/Altos em grandes minaretes ou em templos da destruição/Espero que o velho recupere sua face/Deve ser como algum artista que se troque rápido/Sofram as criancinhas para se conscientizarem logo. Boca maldita em dia de orações, espero que ninguém ouça".

O 'velho' Jethro Tull instigante, que forjou sua sonoridade a partir da fusão rock e folk, além de incorporar arranjos orquestrais, não perdeu a chama de sua criatividade. E Ian Anderson reafirma sua vitalidade inventiva e a força de sua flauta mágica e encantadora. Desde que entrou em estúdio, pela primeira vez, entre 13 de julho e 23 de agosto de 1968, pa-

ra gravar o primeiro álbum do Jethro Tull, *"This Was"*, trazendo Mick Abrahams, Clive Bunker e Glen Cornick, o líder do grupo Ian Anderson articulou uma sonoridade inusitada e sacudiu o universo do rock.

Aos 48 anos, completados em 10 de agosto, Ian Anderson continua injetando sangue novo no rock e empunhando com sensibilidade aguçada sua flauta sedutora. Além disso, o líder do Jethro Tull ainda assina a produção do CD e a concepção gráfica é assinada pelo Zarkowski Designs.

Em faixas como *"Out Of The Noise"*, *"This Free Will"*, *"Valley"*, *"Beside Myself"*, *"Wounded, Old And Treacherous"* e *"At Last, Forever"*, Ian Anderson mostra que a pulsação e a inquietação do Jethro Tull permanecem reveladoras e anunciadoras.

Em *"O Rato"*, de Andrzej Żaniewski, os personagens centrais são ratos, de fato. Os seres humanos são apenas coadjuvantes. Mas a longa trajetória de um rato específico, do nascimento à morte, permite associações que nos remetem ao mesmo sentimento de desconforto do universo kafkeano. Desde o início, a narrativa nos leva a ver o mundo pelos olhos do rato, de início cego e logo se abrindo à percepção do universo que o cerca